

Estruturas morfossintática e prosódica dos enunciados: fatores para hipersegmentações

Morphosyntactic and prosodic structures of utterances: hypersegmentation factors

Luciani Tenani*

RESUMO: Este artigo trata de hipersegmentações de palavras (como “de mais”, “brincava-mos”) de uma perspectiva linguística que as concebe como hipóteses dos escreventes acerca dos limites de palavras, construídas a partir de relações entre fala e escrita. São analisados textos do ciclo II do Ensino Fundamental (EF II), produzidos por alunos de uma escola pública paulista. O objetivo central é apresentar uma caracterização de regularidades quanto a estruturas morfossintáticas que embasam configurações prosódicas dos enunciados falados as quais, por sua vez, motivam ocorrências de hipersegmentações em textos do EF II. A hipótese que guia essa caracterização é a de que certas hipersegmentações são mais bem explicadas se consideradas não apenas características métricas que se configuram no domínio de palavra, mas também, e de modo mais relevante, características prosódicas dos enunciados. A análise desenvolvida permite afirmar que hipersegmentações de palavras em textos do EF II ocorrem especialmente quando características morfossintáticas de palavras são relevantes para estabelecerem configurações prosódicas entre (partes dos) enunciados

PALAVRAS-CHAVE: Hipersegmentação de palavra. Morfossintaxe. Prosódia. Ortografia. Língua portuguesa.

ABSTRACT: This paper deals with word hypersegmentations (such as "de mais" [too much], "brincava-mos" [we used to play]) from a linguistic perspective which conceives them as students' hypotheses about word boundaries, based on relations between speech and writing. We have analyzed texts written by Junior High School (EF II) students at a public school in the state of São Paulo, Brazil. The main goal is to present a characterization of regularities related to morphosyntactic structures underlying prosodic configurations of spoken utterances, which, in turn, motivate hypersegmentation occurrences in EF II texts. The hypothesis guiding this characterization is that certain hypersegmentations are better explained if not only metrical characteristics configured in the word domain are considered, but also, and more importantly, prosodic characteristics of the utterances. The developed analysis allows us to state that word hypersegmentations in EF II texts occur especially when morphosyntactic characteristics of words are relevant for establishing prosodic configurations between (parts of) utterances.

KEYWORDS: Word hypersegmentation. Morphosyntax. Prosody. Spelling. Portuguese.

* Doutor em Linguística (UNICAMP). Docente na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE). E-mail: lutenani@ibilce.unesp.br

1. Introdução

Este artigo trata de hipersegmentações de palavras, isto é, grafias de palavras que se caracterizam pela presença não-convencional¹ de espaço dentro da palavra ortográfica, como em “de mais” (demais), ou de hífen, como em “brincava-mos” (brincávamos). Essas grafias tipicamente ocorrem em textos produzidos nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e podem ser tomadas como indícios do chamado processo de aquisição da escrita infantil. No entanto, as grafias exemplificadas foram identificadas em textos produzidos por alunos de uma escola pública paulista ao longo dos quatro últimos anos do Ensino Fundamental (doravante, EF II).

A ocorrência dessas hipersegmentações em textos do EF II pode ser interpretada, de certa perspectiva escolar, como sintoma de “disortografia”, como discutido em Tenani (2013), ou ainda índice de “déficit” de aprendizagem de língua portuguesa por pré-adolescentes, uma vez que, ao final do ciclo I do Ensino Fundamental (EF I), espera-se conhecimento de convenções ortográficas no que diz respeito à delimitação gráfica de palavras da língua (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998). Afastando-nos dessas perspectivas de déficit, temos investigado fatores de natureza linguística que possam estar motivando a presença dessas grafias não-convencionais em textos infanto-juvenis (produzidos por alunos de 11-12 a 14-15 anos de idade).

Assumimos uma perspectiva segundo a qual hipersegmentações (ao lado de hipossegmentações) são resultados de hipóteses dos escreventes acerca dos limites de palavras, construídas a partir de relações entre fala e escrita. Ou seja, limites de palavras escritas e faladas nem sempre coincidem, fato que motivaria – em certa medida – a persistência de segmentações não-convencionais de palavra no EF II, como demonstrado em Tenani (2011), por exemplo. Segundo essa perspectiva, hipersegmentações são dados de língua(gem) e, desse modo, sujeitas a regularidades linguísticas.

O objetivo central, neste artigo, é apresentar uma caracterização de regularidades quanto à organização morfofossintática dos enunciados que motivam hipersegmentações nos textos do

¹ Ao ser empregado “não-convencional”, estabelece-se diálogo com a convenção ortográfica e, simultaneamente, não se assume a perspectiva normativa que vê nos chamados “erros ortográficos” problemas de interferência da fala na escrita. O uso de “não” como prefixo de negação, como é o caso, já se encontra descrito na literatura sobre formação de palavras em português, notadamente aqueles que caracterizam usos e polissemia de “não”. Acrescenta-se que “não-convencional” tem sido sistematicamente empregado pelos membros do grupo de pesquisa “Estudos sobre Linguagem” (CNPq/UNESP) e expressa a perspectiva teórica partilhada pelos membros desse grupo segundo a qual as grafias não-convencionais produzidas por crianças e adolescentes são dados de língua e de linguagem.

EF II. A hipótese que guia essa caracterização é a de que certas hipersegmentações são mais bem explicadas se consideradas não apenas características métricas que se configuram no domínio de palavras prosódicas (como as descritas, por exemplo, em Tenani, 2011, Silva e Tenani, 2014), mas também, de modo mais relevante, características prosódicas dos enunciados (em que essas hipersegmentações ocorrem) e que se constituem a partir de informação morfofossintática. Em outras palavras, será argumentado que palavras que estabelecem relações entre (partes dos) enunciados são hipersegmentadas por essas mobilizarem características prosódicas dos enunciados. Essa hipótese foi, em certa medida, mobilizada na análise de “senão” hipersegmentado feita por Longhin e Tenani (2015) e será aqui explorada para interpretar, de modo mais amplo, hipersegmentações que ocorrem ao longo do EF II.

2. Fundamentos teóricos para análise de segmentação de palavra

Este artigo inscreve-se no conjunto de estudos realizados sobre segmentação não-convencional de palavra segundo abordagens linguísticas, particularmente, na área de Fonologia, que tomam essas grafias como evidências de que unidades ritmo-entonacionais da fala são, em alguma medida, plasmadas na escrita (ABAURRE, 1988, 1991; ABAURRE; SILVA, 1993) e, também, como pistas do trabalho do sujeito com a linguagem (CAPRISTANO, 2007a, b, 2004; CHACON, 2005, 2006).

Essa abordagem linguística dada às segmentações não-convencionais de palavra de que este artigo partilha nasce de reflexões sobre temas mais amplos acerca da alfabetização, feitas na década de 1980 no Brasil,² período marcado pela proliferação de propostas alternativas ao ensino da escrita feito, até então, com base em cartilhas.³ As várias propostas buscavam enfrentar, principalmente, os baixos índices de alfabetização, somados a altos índices de reprovação no EF, verificados em todo o país.

Nesse cenário, explicitam Abaurre et alii (1984) a relevância da produção escrita realizada espontaneamente, pois, nesse tipo de texto, as crianças registrariam suas hipóteses

² Exemplos dessas reflexões encontram-se nos Anais do Seminário Multidisciplinar de Alfabetização (1984), realizado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em parceria com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, do Ministério de Educação e Cultura, em 1983.

³ Vale mencionar que essa proliferação de propostas decorre, fortemente, de esse período ser caracterizado pela chamada redemocratização da educação, após o fim da ditadura militar, fato que tem como consequência a volta de exilados, dentre eles Paulo Freire, o que fomenta reflexões sobre os rumos da educação no país.

sobre a escrita, a partir de relações que estabelece entre fala e escrita.⁴ Ao tomar o texto espontâneo como objeto de análise, uma das questões de investigação passou a ser a segmentação do texto em palavras. O interesse por esse aspecto gráfico voltou-se, predominantemente, para a descoberta de quais critérios linguísticos guiarão as crianças no reconhecimento dos limites de palavras escritas. Neste artigo, adotamos perspectiva semelhante para análise de dados de segmentação não-convencional de palavra em textos do EF II e explicitaremos critérios linguísticos que guiam adolescentes na segmentação não-convencional de palavras.

Para escrita infantil, Abaurre (1991) aponta que critérios prosódicos, ao lado de critérios semânticos, são mobilizados nas segmentações não-convencionais de palavras. Chacon (2005, 2006) e Capristano (2007a, b), sob inspiração de Abaurre (1988, 1991) demonstram, com base no modelo da Fonologia Prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986), que segmentações não-convencionais de palavra na escrita infantil são predominantemente resultados de domínios prosódicos, como pé métrico, palavra prosódica, frase fonológica, frase entoacional.

De modo sucinto, esse modelo da Fonologia Prosódica, que também adotamos na análise de dados, pressupõe que: (i) há uma organização prosódica dos enunciados que rege processos segmentais, rítmicos e entoacionais da língua e (ii) essa organização prosódica é constituída a partir de informações dos demais componentes da gramática, sendo mobilizadas informações morfossintáticas e semânticas, atendidas condições pragmáticas de enunciação. A partir de (i) um conjunto de princípios que asseguram relações hierárquicas entre constituintes e (ii) uma regra universal de construção do constituinte prosódico, é construída a hierarquia prosódica universal, constituída de sete domínios, a saber: sílaba (σ), pé métrico (Σ), palavra

⁴ Vale destacar que Abaurre et alii (1984) defendem a importância da produção espontânea da criança em oposição à produção de ditados ou cópias (predominantes no início da alfabetização em razão do uso de cartilhas): “As crianças da primeira série normalmente não produzem textos espontâneos. A relação que elas estabelecem com a escrita é, via de regra, extremamente artificial, porque se pressupõe que, uma vez que ainda não dominam a convenção ortográfica, elas não são ainda capazes de desenvolver, com a escrita, atividades significativas. Seus exercícios costumam ser, assim, absolutamente controlados pela professora, que reproduz a orientação pedagógica vigente. [...] Pode-se dizer, portanto, que a partir do seu primeiro contato com a escrita as crianças são submetidas de forma sistemática a uma série de exercícios que a distanciam progressivamente da noção de *texto*, para elas tão natural em termos de produção oral, quando ingressam na escola” (ABAURRE et alii, 1984, p. 25, destaque no original).

prosódica (ω), grupo clítico (GC), frase fonológica (ϕ), frase entoacional (I) e enunciado fonológico (U).⁵

A caracterização de cada um desses constituintes é definida, por Nespor e Vogel (1986, 2007), com base em evidências segmentais de línguas como inglês, francês, espanhol, italiano, grego, holandês, dentre outras.⁶ Fundamentalmente, as autoras advogam, com base em evidências segmentais, a favor da não coincidência de domínios prosódicos em relação aos demais constituintes da gramática. A consideração de evidências de diferentes línguas sustenta a proposta de algoritmo de formação de cada um dos constituintes prosódicos e argumentam que não é necessário que todos os constituintes sejam domínios ativos em cada uma das línguas em particular.⁷

A relevância desses domínios prosódicos para descrição de processos segmentais, fenômenos rítmicos e configurações entoacionais do português brasileiro tem sido demonstrada em várias pesquisas (cf. TENANI, 2002; FERNANDES, 2007, SERRA, 2009). Há ainda trabalhos que problematizam, por exemplo: (i) a pertinência do grupo clítico⁸ (domínio em que são relevantes informações morfossintáticas) para descrição de fenômenos segmentais (cf. SIMIONI, 2008; BISOL, 2000, 2005); (ii) a configuração da palavra prosódica⁹ (domínio em que são relevantes informações morfológicas) para abranger a complexidade do funcionamento de palavras compostas (cf. SCHWINDT, 2013; VIGÁRIO, 2007).

Considerando-se a problematização dos domínios prosódicos e as descrições sobre segmentação não-convencional de palavra no EF I, Tenani (2011) apresenta evidências, identificadas em amostra transversal do EF II, da atuação de principalmente três constituintes prosódicos, a saber: pé métrico, palavra prosódica e grupo clítico. Mais especificamente, nas

⁵ Observa-se que há variação na tradução dos termos do inglês para o português. Para “prosodic word”, a preferência é por “palavra prosódica”, podendo ser encontrada a denominação “palavra fonológica”. Para “phonological phrase”, registram-se “frase fonológica” e “sintagma fonológico”. Para “intonational phrase”, encontram-se “frase entoacional” e “sintagma entoacional”.

⁶ Para o PB, há evidências, discutida por Bisol (1992), por exemplo, de que a formação dos constituintes como o pé métrico, por exemplo, não segue as premissas desse modelo teórico.

⁷ Uma caracterização mais detalhada do arcabouço teórico da Fonologia Prosódica encontra-se em Tenani (2017).

⁸ O *grupo clítico* compreende um elemento clítico (isto é, elemento que não corresponde a afixos, nem a palavras, desprovido de acento) e seu hospedeiro (isto é, uma ω , portadora de acento), por exemplo, “me ajuda”.

⁹ *Palavra prosódica* tem como domínio elementos terminais de uma árvore sintática, o que inclui raiz, todos os afixos e os dois membros de palavras compostas (NESPOR; VOGEL, 2007, p. 110). É, pois, constituída de informações morfológicas sobre formação de palavra e tem o acento (lexical) como característica fonológica central.

hipersegmentações, houve evidência da atuação do pé troqueu dissílabo¹⁰ (como em “dele gato” [delegado] e “em quanto” [enquanto]) e, nas hipossegmentações, do grupo clítico (com predomínio de próclise, como em “concerteza”).

A identificação de constituintes prosódicos relevantes para descrever hipersegmentações do EF II é feita em Silva e Tenani (2014), Tenani e Fiel (2016). Neste artigo, avançamos em relação aos estudos já publicados ao ser dado destaque a aspectos morfofossintáticos que concomitantemente atuam aos prosódicos na hipersegmentação de palavras em uma amostra longitudinal do EF II. Essa análise ancora-se na perspectiva da Fonologia Prosódica e assume, desse arcabouço teórico, a assunção de que a estrutura prosódica (fonológica) determina possibilidades de realizações (fonéticas) dos elementos prosódicos dos enunciados falados. Desta assunção, nasce a hipótese em que estará embasada a análise de dados de escrita, segundo a qual a estrutura prosódica subjaz a possibilidades de registros gráficos dos enunciados.

3. Material selecionado e decisões metodológicas

A fim de desenvolver análise que demonstre a relevância da hipótese anteriormente explicitada, serão considerados dois conjuntos de dados, a saber: (a) grafias de “senão” e “demais”, por serem as mais frequentes entre hipersegmentações por branco; e (b) hipersegmentações por hífen de formas verbais, como “dança-se” e “morava-mos”, por serem as mais frequentes dentre esse tipo de dado.

Esses dados foram identificados, por Tenani (2016), em uma amostra longitudinal constituída por 2.457 textos do EF II que integra o “Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II” (TENANI, 2015).¹¹ Esse subconjunto de textos foi produzido por 116 alunos – sendo 55 (47,4%) do sexo masculino e 61 (52,5%) do sexo feminino –, que se particularizam por terem produzido textos em todos os quatro anos letivos. Embora esses dados longitudinais permitam investigar o efeito do tempo de escolarização nas ocorrências de hipersegmentação, este artigo não tem por escopo tratar desse efeito e privilegia análise de fatores morfofossintáticos

¹⁰ O *pé métrico* consiste em uma cadeia de sílabas que constituem uma palavra prosódica, sendo atribuído a uma sílaba o valor forte e às demais valor fraco. O *pé troqueu* configura-se quando uma sílaba forte é seguida por outra átona (como em “cama, mesa, banho”).

¹¹ O banco é constituído por 5.519 textos escritos por 662 alunos dos quatro últimos anos do EF. Nesse banco, duas amostras foram organizadas: uma amostra transversal formada por 2.759 textos e uma amostra longitudinal do banco formada por 3.645 textos. Nesse artigo, são selecionados apenas textos da amostra longitudinal.

e prosódicos dos enunciados na hipersegmentação, tecendo observações, quando pertinente, sobre o ano escolar em que os dados foram produzidos.

Os textos analisados foram produzidos a partir de oficinas de leitura e produção escrita de textos de gêneros variados. Nas atividades de leitura, foram apresentados (em folha impressa) excertos de textos selecionados sobre temas diversos os quais eram lidos e discutidos coletivamente em aulas conduzidas por licenciandos em Letras ou pós-graduandos em Estudos Linguísticos do IBILCE/UNESP, no âmbito do projeto de extensão universitária “Desenvolvimento de oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção textual no ensino fundamental”.¹² Esse projeto foi desenvolvido, por quatro anos, em parceria com uma escola pública¹³ em São José do Rio Preto,¹⁴ com o objetivo geral de aprimorar práticas de leitura e escrita dos alunos matriculados na escola.

Ainda no que diz respeito ao material pesquisado, cabe explicitar que, após leitura e interpretação dos textos que introduziram pontos de vistas diversos sobre temas relativamente polêmicos, os alunos eram convidados a produzirem um texto manuscrito sobre o tema discutido, segundo um conjunto de orientações impressas em folha dada a cada um em sala de aula. Essas orientações consistiam de definição de (i) tema, (ii) gênero e tipologia textual e (iii) forma de usar a folha destinada à elaboração do texto.¹⁵ O tema e o gênero foram definidos pela coordenação do projeto de extensão em reuniões com os monitores integrantes do projeto de extensão que atuavam na escola. A tipologia textual solicitada em cada proposta era

¹² O projeto de extensão foi cadastrado junto ao Conselho Nacional de Saúde (FR 198751 e CAAE n. 0013.0.229.000-08) e aprovado (FR 53/08) em 2008, pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IBILCE/UNESP.

¹³ Nos quatro anos em que os textos foram coletados, o rendimento escolar dos alunos, mensurado por meio do Índice de Desempenho da Educação do Estado de São Paulo (IDESP), apresentou variação semelhante às médias do Estado no mesmo período, fato que nos leva a assumir que a escola analisada apresenta características gerais do desempenho dos alunos no final do EF, sendo, porém, uma escola com índices sistematicamente acima da média geral do Estado (cf. detalhes em Tenani, 2016).

¹⁴ O município de São José do Rio Preto, a 440 km da capital paulista, é sede administrativa da região do noroeste do estado. Nos Índices de Desenvolvimento Humano de Municípios (IDHM) – divulgados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, em conjunto com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e a Fundação João Pinheiro –, ocupa a 50ª posição entre os 5.565 municípios brasileiros, com índice de 0,797 em 2010, considerado *alto* (faixa de 0,7 a 0,799 pontos) entre as cinco faixas de desenvolvimento. Dentre as três dimensões que compõem esse índice, *Educação* no município apresenta o pior índice com 0,748 pontos, enquanto as dimensões *Longevidade* e *Renda* alcançam, respectivamente, os índices de 0,846 e 0,801, patamares classificáveis na faixa *muito alto*. Esses índices sugerem que a dimensão Educação carece de mais investimento no município.

¹⁵ Em todas as propostas, eram dadas orientações quanto a usar caneta preta ou azul; escrever no espaço de folha de papel A4, delimitado por margens e contendo 25 linhas.

previamente estabelecida pela escola em função do planejamento escolar, desenvolvido conforme a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008)¹⁶.

Aos alunos não era permitido reelaborar o texto produzido, sendo necessário entregá-lo ao responsável pela oficina ao final da aula de língua portuguesa. Essas condições de produção definidas pela coordenação do projeto de extensão não eram diferentes das práticas de escrita adotadas naquela escola, de modo que os alunos não apresentaram dificuldades em seguir essas orientações. Sem possibilidade de reelaboração (por não ser disponibilizado tempo extra ou em aula para esse fim) e sem possibilidade de uso de lápis grafite (o que levou a rasuras do texto escrito), os alunos deixaram preciosos registros do processo de elaboração da produção textual.¹⁷

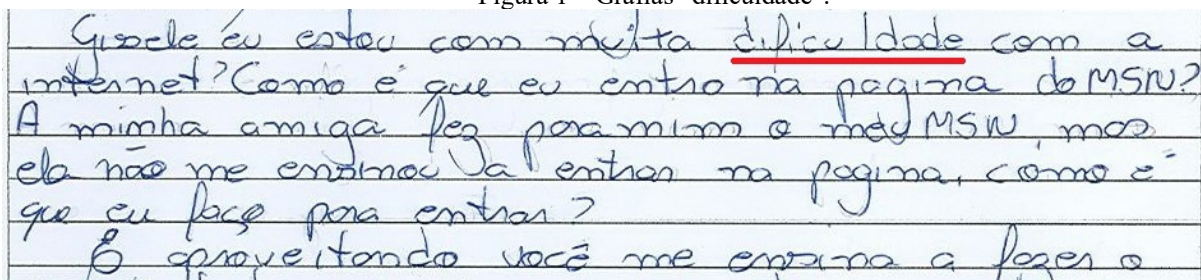
É relevante destacar que essa metodologia empregada na coleta dos textos proporciona ao analista identificar pistas, indícios (ABAURRE; FIAD; MAYRINK-SABINSON, 1997) de hipóteses do sujeito sobre amplo conjunto de elementos linguísticos que constituem o texto escrito, dentre os quais as formas ortográficas das palavras. Cada texto analisado é visto aqui como fotografia que captura um momento de um processo. É, pois, a partir da informação verbo-visual inscrita no texto que o analista elabora hipóteses sobre o trabalho epilinguístico (ABAURRE, 1988) do sujeito sobre a linguagem, particularmente, no que interessa analisar, sobre relações entre fala e escrita.

No que diz respeito à metodologia para identificação de hipersegmentações em textos manuscritos, adotamos critérios, inicialmente explicitados em Tenani (2011) e detalhados em Tenani (2016), que permitem categorizar o branco entre palavras, identificando quando há ou não o espaço de fronteira de palavras empregado fora das convenções ortográficas. Resumidamente, a comparação da distribuição do espaço em branco que delimita palavra com a forma de traçar as letras ao longo de todo o texto é critério que leva a classificar o espaço dentro de palavra como aspecto caligráfico, exemplificado na Figura 1, ou como uso não-convencional do branco (portanto, um aspecto ortográfico), exemplificado na Figura 2.

¹⁶ Um quadro sinóptico das 44 propostas de produção textual quanto a tema, gênero e tipologia textual encontra-se disponível em Tenani (2015).

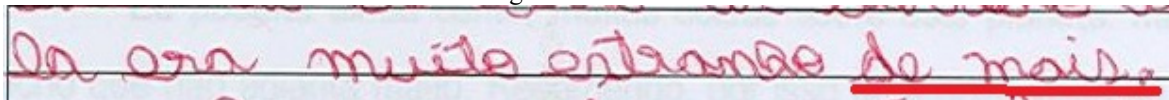
¹⁷ Descrição detalhada das atividades desenvolvidas no projeto de extensão, as quais motivaram a produção de textos manuscritos, é feita por Tenani e Longhin-Thomazi (2014).

Figura 1 – Grafias “dificuldade”.



Fonte: Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II (Z08_6A_19F_04)

Figura 2 – Grafia “demais”.



Fonte: Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II (Z08_5C_09M_05)

Na Figura 1, o espaço em branco observado em “dificuldade” é resultado de uma flutuação na forma de grafar as letras em uma mesma palavra, haja vista que o manuscrito se caracteriza pela alternância entre letras manuscritas e impressas de modo que a ausência de ligaduras entre as letras dentro de uma palavra ocorre. Diferentemente, na Figura 2, os espaços delimitam fronteira de palavra, não havendo flutuação caligráfica quanto à distribuição do branco entre letras, mas regularidade nessa distribuição de modo que se pode afirmar que há espaço em branco dentro de “demais”, sendo essa uma hipersegmentação.

Com base na metodologia ora explicitada, foram identificadas 1.002 hipersegmentações. Desse conjunto, selecionamos 941 (93,91% da amostra) ocorrências para análise neste artigo. Os 61 dados excluídos se particularizam por não apresentarem as principais características das hipersegmentações no EF II que são: (i) ocorrer apenas uma fronteira não-convencional, e (ii) uma das partes hipersegmentadas corresponder a uma palavra da língua portuguesa. Por esses critérios, foram excluídas ocorrências como: (i) “su ceço”, por ocorrer hipersegmentação que não gera formas que correspondem a nenhuma palavra do português; (ii) “com ver sando” e “com ver samos”, por haver duas fronteiras não-convencionais dentro da palavra (são duas sílabas pretônicas hipersegmentadas por espaços em branco). Essa decisão metodológica tem por objetivo realizar uma descrição de dados prototípicos do EF II.

Para caracterizar os dados selecionados para a discussão proposta, o ponto de partida será a classe gramatical a que pertencem as palavras hipersegmentadas, uma vez que essa

classificação¹⁸ – mesmo que seja passível de problematização¹⁹ – será útil para demonstrar que características gramaticais (morfológicas, sintáticas e semânticas) das palavras hipersegmentadas são mobilizadas no processo de construção do texto escrito de modo complexo.²⁰

4. Descrição de dados e discussão de resultados

No conjunto dos 941 dados analisados, predominam hipersegmentações de chamadas palavras gramaticais (64,61%) em relação às palavras lexicais (35,38%), conforme se verifica na Tabela 1. Dentre as palavras gramaticais hipersegmentadas, identificam-se, em ordem decrescente de ocorrência: conjunções, pronomes e preposições. Dentre as palavras lexicais, as hipersegmentações atingem, em ordem decrescente de ocorrência: verbos, advérbios, substantivos e adjetivos.

Tabela 1 – Classe gramatical das palavras hipersegmentadas.

Tipo de Palavra	Classe gramatical	Nº	%	Nº	%
Lexical	Verbo	146	15,51	333	35,38
	Advérbio	118	12,54		
	Substantivo	49	5,21		
	Adjetivo	20	2,12		
Gramatical	Conjunção	468	49,73	608	64,61
	Pronome	134	0,64		
	Preposição	06	14,24		

Fonte: elabora pelo autor.

¹⁸ Para a classificação em classe gramatical das palavras hipersegmentadas, foi consultado o dicionário Houaiss (2001), além de ser considerada a estrutura sintática em que o registro não-convencional de palavra ocorreu.

¹⁹ Uma introdução à problematização dos conceitos de palavra (fonológica, morfológica, sintática) se encontra em Villalva e Silvestre (2014). Uma discussão aprofundada é feita por Veloso (2016).

²⁰ A consideração de classe de palavra também permite estabelecer diálogo com profissionais da área de Educação, especialmente professores e coordenadores pedagógicos que atuam junto ao EF II. Na medida em que conceitos sobre classe de palavras integram o conteúdo programático do EF II de língua portuguesa previstos para o ciclo II do EF (PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2008), os alunos são chamados a fazerem uso desses conceitos também em suas produções escritas. Nesse processo, vislumbram-se os chamados erros de segmentação de palavra que podem ser vistos como efeitos não exclusivamente motivados em defasagem de aprendizagem do aluno, mas também no próprio processo de ensino/aprendizagem de conteúdos de língua portuguesa.

Dentre as palavras gramaticais, predomina a hipersegmentação de conjunções (com índice de 49,73%) em razão, principalmente, da alta frequência de “porque” (410/468) e “senão” (36/468). Excluídas essas ocorrências, restam apenas 4,48% de conjunções hipersegmentadas. Embora em maior número de ocorrências, não analisaremos as grafias de “porque”, mas as grafias de “senão”, pois a complexidade linguística dessa conjunção permitirá demonstrar que a hipersegmentação de palavras também é efeito de relações que se dão entre (partes dos) enunciados.

Antes de avançar na análise, observa-se que, diferentemente das grafias de “senão”, nos usos de “porque” hipersegmentado não foram encontradas evidências de que sejam motivados em função de características morfossintáticas e semânticas dos enunciados. Em estudo feito por Soncin e Longhin (2014), a partir de ocorrências selecionadas do banco de dados de Tenani (2015), é descrita a complexidade sintático-semântica de funcionamento de “porque” em construções causais. As autoras argumentam que gêneros de discurso são fatores condicionantes da emergência e do uso de construções que materializam relações de sentido no domínio causal mobilizado por “porque”, mas não identificaram relação entre estruturas ou sentidos mobilizados nas construções e as grafias de “por que” e “porque” nos manuscritos do EF II. A flutuação entre “por que” e “porque” observada nesses textos do EF II seria, pois, decorrente do processo de *convencionalização da escrita* que diz respeito à inserção do aluno em práticas de escrita formais.

Argumentamos, porém, que segmentar palavras convencionalmente implica categorização do espaço em branco da escrita alfabética, portanto, segmentações não-convencionais podem ser interpretadas como rastros desse processo de categorização do espaço entre palavras que, naturalmente, engloba convencionalização, porém dele não decorre, ou seja, espaços não-convencionais entre palavras decorrem de relações morfossintáticas e semânticas, além das prosódicas, entre (porções dos) enunciados, como será demonstrado mais à frente com base na análise de hipersegmentações de “senão”.

Ainda no que diz respeito aos resultados da Tabela 1, constata-se que palavras lexicais totalizam 35,38% das hipersegmentações e, dentre esse conjunto, predominam formas verbais hipersegmentadas (146/333), se consideradas ocorrências por branco (93 dados) e por hífen (53 dados). Essas formas verbais hipersegmentadas por hífen foram selecionadas para análise não apenas por serem predominantes entre os registros de usos não-convencionais do hífen (que

totalizam 91,37%), mas também por – diferentemente das hipersegmentações por branco²¹ – passarem a ocorrer nos anos finais do EF II, fato que merece ser analisado à luz da hipótese apresentada na seção anterior. Somam-se a esse resultado as considerações acerca do hífen discutidas por Tenani (2016), que imprimem a esses dados características que os particularizam em relação às hipersegmentações por branco.

Se excluídas essas hipersegmentações por hífen, são os advérbios as formas mais hipersegmentadas por branco (118/333) dentre as palavras lexicais. Ainda entre as palavras lexicais, “demais” apresenta o segundo maior índice de frequência de hipersegmentação, sendo o advérbio que mais ocorrências apresenta (41/333). Acrescenta-se que os registros de “demais” hipersegmentado, à semelhança dos registros de “senão” hipersegmentado, podem ser mais bem explicados como efeitos de relações que se dão entre (partes dos) enunciados.

Passamos à análise, a ser feita a partir hipersegmentações de “demais”, “senão” e formas verbais hipersegmentadas por hífen, assim ordenados em função do número de ocorrência na amostra considerada do EF II.

No que diz respeito às hipersegmentações de “demais”, a segunda forma mais frequentemente hipersegmentada no material analisado (4,1%) foi objeto de um estudo de natureza morfofossintática feito por Tenani e Oliveira-Codinhoto (inédito). Nesse estudo, verificou-se que apenas ocorrem usos de “demais” enquanto advérbio, com duas das três acepções registradas em Houaiss (2001), a saber: (i) algo “em excesso, além da conta, além da justa medida”, atuando enquanto item enfático e intensificador; (ii) “demasiadamente, de maneira muito forte”, atuando enquanto advérbio de modo. Na origem etimológica, essas acepções foram atestadas e a grafia apenas variou quanto ao registro da semivogal: no século XIII, encontram-se as grafias “demays” e “demaes”, ao lado de “demais”. Portanto, “demais” sempre teve a mesma grafia no que diz respeito à segmentação das sílabas que o constitui (diferentemente do item “senão”, que será abordado mais à frente).

Outro aspecto morfofossintático relevante para a análise da hipersegmentação é a observação encontrada em Bechara (2001) sobre o fato de “demais” ser sempre grafado sem espaço entre “de” e “mais”, quando for locução – com função de advérbio ou pronome – que

²¹ Dentre as formas verbais hipersegmentadas por branco (com três ou mais sílabas), 68,3% (41/60) são sílaba pretônica hipersegmentada (como “a caba”, “com parecer” “em louqueci”) e 10% (6/60) são segmentações no meio da palavra (como “recom pensa”), características discutidas na seção anterior. Houve 21,6% (13/60) de formas verbais em que a última sílaba é hipersegmentada, como “come sou”. Nesses dados, a hipersegmentação resulta também da identificação de formas verbais.

se contrapõe a “de menos”. Desse modo, em uma relação paradigmática, “demais” se contrapõe a “de menos”. Por outro lado, em uma relação sintagmática, “de mais” é um registro convencional da preposição “de” seguida do advérbio “mais”, como em “Preciso de mais folha de papel”. Essa construção não implica que “demais” e “de mais” sejam formas homônimas em português (cf. “Preciso demais dessa folha de papel”). Desse modo, as ocorrências de “de mais” atestadas nos textos do EF II são classificadas como casos de segmentação não-convencional do advérbio “demais”, sendo essas segmentações decorrentes tanto das possibilidades que a língua oferece na construção das sentenças (“demais” X “de mais”), quanto de relações paradigmáticas que o escrevente possa fazer entre “demais” e “de menos”.

Neste artigo, defende-se, a partir de Abaurre (1991), que não apenas noções morfosintáticas e semânticas, usadas para estabelecer as convenções ortográficas, mas também prosódicas – como pé métrico e palavra prosódica – são mobilizadas pelos escreventes no registro gráfico dos limites da palavra. Avançamos, porém, em relação às considerações dessa autora ao demonstrar que a organização rítmica e entoacional do enunciado, que abrange domínios maiores do que a palavra, motiva as grafias não-convencionais que se mantêm no EF II. É, pois um conjunto de motivações linguísticas que leva à hipersegmentação de “demais”, como a seguir exemplificado.

- (1) No final do ano passado eu tinha prometido não falar muito mas não deu certo porque os meus pais me falava para eu ficar queto [porque **eu falava de mais**]_I então eu prometi a mim mesmo que eu falava menos mas não deu certo porque eu não consigo me controla (Fonte: Z09_6D_11M_01)
- (2) eu sou uma pessoa que independente do que os outros falem [**eu so feliz de mais**]_I sou meio loirra gosto de pagode (Fonte: Z11_8A_24F_02).

Na ocorrência (1), exemplifica-se a tendência de o verbo ser escopo de “demais”, que frequentemente o precede, podendo ocorrer um complemento verbal entre o verbo e “demais”, como em (2). Portanto, sintaticamente, “demais” atua sobre o predicado da oração. Semanticamente, a intensificação trazida pelo significado do advérbio “demais” não fica restrita somente ao predicado ou aos modificadores, mas, por extensão, à situação descrita pela oração ou à avaliação que se faz dessa situação descrita pela oração.

Quanto às características prosódicas, observa-se que a posição de “demais” em fronteira de *I*,²² como nos exemplos dados, implica que às duas sílabas de “demais” estão associados eventos tonais que configuram fim de *I* em enunciados afirmativos: tom alto (H) associado à sílaba “de”, seguido de tom baixo (L) associado à sílaba tônica “mais” (TENANI, 2002).²³ Em estudos sobre a configuração prosódica dos enunciados falados em Português Brasileiro que adotam o arcabouço da Fonologia Prosódica (SERRA, 2009; FERNANDES, 2007; TENANI, 2002), afirma-se que o evento tonal H+L*, que representa contorno descendente alto-baixo é marca prototípica de fim de enunciado afirmativo neutro. Em outras palavras, o evento tonal H+L* codifica a informação gramatical de fim de enunciado e traz o acento tonal do enunciado. Ou seja, o evento tonal associado às sílabas da palavra em fim de *I* codifica que essa palavra é a mais proeminente em relação às demais que estão no mesmo *I*.

Diferentemente das ocorrências anteriores quanto a características formais é a ocorrência em (3). Nesse exemplo, “de mais” é delimitado por sinais de pontuação e constitui um comentário por meio do qual o escrevente expressa sua avaliação em relação à descrição feita anteriormente. Semanticamente, “demais” tem como escopo todo o enunciado que lhe é precedente. Prosodicamente, “demais” constitui um *U*.²⁴

- (3) E como o sonho de toda menina quero conhecer o castelo da cinderela, vejo muitas reportagem pela televisão imagina como seja e sempre tive vontade vou adorar fazer essa viagem. [**De mais.**]_U (Fonte: Z08_5A_29F_06)

Em (3), verifica-se que “de mais” atua não localmente no escopo de partes do enunciado (como 1 e 2 exemplificam), mas na construção da significação do texto. Na medida em que se admite que o escopo de “demais” abrange, sintaticamente, orações ou sentenças, projeta-se que também prosodicamente está em jogo relação entre constituintes prosódicos, particularmente,

²² *Frase entoacional* compreende estruturas sintáticas que correspondem a (i) sentença raiz, (ii) elementos não anexáveis à estrutura da sentença raiz e (iii) elementos remanescentes de uma sentença raiz interrompida por elemento(s) anexado(s) a ela (NESPOR; VOGEL, 2007, p. 189). Formada a partir dessas bases sintáticas, mas não necessariamente isomórfica a elas, a *I* é a unidade prosódica que se define pelos limites do contorno entoacional (independentemente de o contorno ser ascendente ou descendente).

²³ Cabe explicitar que os tons H (alto) e L (baixo) são representações fonológicas associadas às sílabas dos enunciados. Os tons representam realizações fonéticas as quais, por sua vez, são identificadas a partir da variação da frequência fundamental (F0). A configuração dos tons é dada pelas estruturas prosódicas construídas a partir de relações sintático-semânticas dos enunciados (TENANI, 2002).

²⁴ *Enunciado fonológico* é a maior unidade prosódica e seus limites correspondem aos limites de sentença (maior constituinte sintático), onde pausas podem ocorrer. Quando constituído de dois ou mais *Is*, é atribuído o valor forte ao *I* mais à direita da ramificação *U*.

entre enunciados fonológicos. Essa relação prosódica entre enunciados fonológicos implica haver maior saliência do enunciado constituído por “demais”, de modo que cada uma das sílabas recebe um evento tonal que as destacam. Nessa interpretação, o espaço em branco em “demais” indicia, na materialidade da escrita, a ênfase dada ao enunciado [De mais]_U, por meio do qual o escrevente expressa sua avaliação em relação aos enunciados anteriores.

Essa configuração entoacional somada à posição do item “demais” em fronteira do constituinte prosódico *I* (em 1 e 2) e *U* (em 3) confere à hipersegmentação uma forma de registrar, por meio do espaço entre as sílabas, a saliência prosódica do item, destacando partes do enunciado (em 1 e 2) ou o enunciado (em 3) em relação ao que lhes precede.

Ora, é uma prática oral destacar palavras de um enunciado por meio de ritmo silábico (CAGLIARI, 2007, p. 141). Essa prática oral é passível de ser representada na escrita convencional por meio da colocação de hífen entre as sílabas, como em: “Ela fala de-va-gar!”²⁵. Para os dados em análise, poderia se supor como registro convencional do destaque a porções do enunciado o uso de hífen e do ponto de exclamação, por exemplo: “mas o rei era nervoso até de-mais!”. Essa hipótese explicativa para a motivação da hipersegmentação toma características rítmicas e entoacionais dos enunciados falados como base para interpretar que a hipersegmentação iconiza o destaque dado a “demais” nos enunciados escritos do EF II. Portanto, a hipersegmentação de “demais” seria motivada não pela configuração métrica da palavra, mas pela configuração rítmico-entoacional do enunciado em que a palavra ocorre.

No que diz respeito à forma “senão” (a terceira hipersegmentação mais frequente no corpúsculo com 3,6% dos dados), algumas das características da constituição histórica dessa conjunção e de seu funcionamento sintático-semântico nos enunciados escritos no EF II são relevantes para os objetivos deste artigo. Estudo detalhado do complexo funcionamento de “senão” encontra-se em Longhin e Tenani (2015).

Desse estudo, vale destacar que, na constituição histórica de “senão”, Houaiss (2001) sinaliza duas possibilidades gráficas, “senão” e “se não”, e registra, em apêndice gramatical, que a grafia “se não” é uma alternativa para um dos usos do item, aquele em que “senão”, delimitado por vírgulas, funciona como conjunção alternativa (“perdoe; se não, a vida lhe será

²⁵ Ramos (2009, p. 66), ao descrever estratégias de representação da oralidade em histórias em quadrinhos, afirma que o uso do hífen para separar sílabas sugere que o personagem falou de maneira silabada. Mas não só em quadrinhos, mas também em crônicas se encontra esse uso do hífen, como por exemplo: “Comem-se os ovos e toma-se a sopa: uma de-lí-cia.” (ANDRADE, 1997). Portanto, silabação que destaca ou enfatiza uma palavra é traço da oralidade representado por meio de hífen entre sílabas.

amarga”). As autoras assumem a flutuação gráfica entre “senão” e “se não”, sendo a primeira grafia não-marcada (porque é a grafia preferencial para a conjunção) e a segunda, marcada (uma vez que a grafia “se não” é preferencialmente empregada quando houver a conjunção “se” seguida do advérbio de negação “não”, como em “Se não chegar cedo, perderemos o cinema”). A grafia marcada consiste na opção menos frequente e contextualmente restrita em relação aos usos de “senão” abonados pela ortografia do português. Dessa perspectiva, a grafia “se não”, encontrada nos textos do EF II, é convencionalmente marcada e não exatamente uma hipersegmentação. Essa característica de flutuação quanto ao registro gráfico é comum a palavras que passaram por processos de mudança linguística. Desse modo, a flutuação gráfica registrada em dicionário decorre do processo histórico de constituição da própria palavra. A forma “senão” é, pois, fruto de um processo de mudança que levou o condicional “se” e a negativa “não” a serem reanalisados como uma única palavra gramatical.

No exame das ocorrências de “senão” nos textos do EF II, as autoras identificam quase absoluta preferência pela segmentação de “se não” (opção marcada) e a análise de seus usos mostra um padrão polissêmico muito peculiar, com multiplicidade de sentidos. Daquela análise de Longhin e Tenani (2015), é importante retomar a possível correlação entre a expressão dos sentidos e a segmentação gráfica de “senão”, a partir da articulação entre mecanismos interpretativos de natureza semântico-pragmática e mecanismos sintáticos e fonológicos. A hipótese que guiou aquela análise é a de que, nas grafias atestadas no EF II, estaria plasmada outra flutuação: a constituição do próprio item, tanto no aspecto categorial, como na emergência dos sentidos. Argumentou-se que à constituição morfossintática e morfossemântica de “senão” estão associadas características prosódicas, as quais emergem por meio da grafia marcada “se não”. Articulada a essa hipótese central, foi formulada outra hipótese explicativa que interpretou as grafias marcadas “se não” como indícios de configuração prosódica dos enunciados, particularmente, aquelas configurações que dizem respeito às maneiras pelas quais proeminências métricas e ênfase entoacional podem ser associadas a porções dos enunciados articulados por “senão”, como exemplificado a seguir.

- (4) (i) [[Assalto,]_I [fica quieto]_I [*se não* eu atiro]_I]_U
 (ii) [[Assalto,]_I [fica quieto]_I [*se não*]_I [eu atiro]_I]_U
 (iii) [[Assalto,]_I [fica quieto *se não* eu atiro]_I]_U

Observa-se que, independentemente de cada uma das possibilidades de fraseamento prosódico de (4), “não” é sempre candidato a carregar o acento de *I* a que pertencer. Em todas as potenciais representações prosódicas (indicadas por meio de colchetes em (4)), “não” é o elemento enfatizado. Essa interpretação se sustenta à medida que se identifica, por meio da análise semântico-pragmática, ênfase em “não” por esse elemento trazer a informação mais saliente dos enunciados, qual seja: “não” nega a hipótese introduzida por “se”, “se não (ficar quieto)”, e, em seguida, é apresentada a consequência desfavorável dessa negação (“eu atiro”). A ênfase tem uma expressão prosódica e se realiza, conforme estudo de Fernandes (2007) sobre o Português Brasileiro, por meio de tom associado à sílaba mais proeminente do enunciado aliada à desacentuação tonal. Portanto, a sílaba “não” de “senão” que carrega tom associado à ênfase prosódica é a mais proeminente do enunciado. É essa sílaba da palavra enfatizada nos textos escritos analisados que aparece representada por meio da delimitação, entre espaços em branco. Dessa perspectiva, o espaço em branco é interpretado como registro que dá visibilidade, na escrita, à ênfase em “não” identificada nos enunciados em que “senão” ocorre.²⁶

As considerações sobre as grafias não-convencionais de “demais” e “senão” ora desenvolvidas permitem afirmar que, no EF II, um conjunto específico de palavras gera dúvidas ortográficas. Estão em jogo par de grafias não marcada e marcada (respectivamente: “senão” e “se não”) e par de palavra e estrutura (“demais” e “de mais”) que são apenas homófonos entre si, mas não homônimos, uma vez que a grafia depende da estrutura morfofossintática. Nesses dois casos, a informação verbo-visual sobre a colocação do espaço em branco é fundamental para a representação ortográfica dessas formas linguísticas. O emprego convencional de cada uma demanda o domínio de estruturas morfofossintáticas mobilizadas, predominantemente, em estruturas inter-oracionais que são parte dos conteúdos de língua portuguesa trabalhados no EF II (cf. em Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (2009), tema: “Relações entre usos de língua falada e escrita”). Portanto, identificam-se não apenas quais palavras, mas também quais estruturas morfofossintáticas suscitam essas grafias produzidas por estudantes do EF II.

²⁶ A análise mais aprofundada de “se não”, publicada em Longhin e Tenani (2015), primou por interpretar dados de escrita como representações de estruturas morfofossintáticas e semântico-pragmáticas que recuperam estágios anteriores da língua e como pistas de representações prosódicas dos enunciados articulados por “senão”. Outra contribuição consistiu em postular a noção de *grafia marcada*, que é uma grafia prevista, embora não privilegiada pela convenção ortográfica, como relevante para o estudo dos chamados erros de segmentação de palavra. Ao contrastar as grafias marcada “se não” e não marcada “senão”, essa proposta contribuiu com os estudos sobre interpretação e classificação de registros de segmentação não-convencional de palavra, bem como sobre a relação entre fala e escrita que esses dados permitem investigar.

A ancoragem em características prosódicas dos enunciados falados (que abrange diferentes constituintes prosódicos) se apresenta como fator importante que motiva as grafias não-convencionais atestadas. Essa constatação implica explicitar a relevância de reflexões sobre possíveis relações entre fala e escrita no EF II, as quais não estão no escopo deste artigo, mas foram feitas em Tenani (2016).

Por fim, tratamos das hipersegmentações que se constituem de usos não-convencionais do hífen em estruturas verbais como se fossem sequência verbo-clítico, como se verifica em “vira-se” (“virasse”) e “brincava-mos” (“brincávamos”). De modo geral, essas grafias – que totalizam 5,6% das hipersegmentações – são evidências de tentativas de emprego de estruturas verbais enclíticas. O uso de hífen isola sufixos verbais homófonos a pronomes do português.

Dois são os casos principais de hipersegmentação por hífen, a saber: (i) em 47,17% desses dados, o sufixo de pretérito imperfeito do subjuntivo “-sse” é grafado como se fosse o pronome reflexivo de terceira pessoa “se”, em uma colocação enclítica ao verbo (“trabalhasse”); (ii) em 45,28% dos dados, o sufixo de primeira pessoa plural “-mos” é grafado como se fosse o pronome reflexivo de primeira pessoa “nos”, em uma colocação enclítica ao verbo (“colocavamos”).²⁷ Identifica-se, pois, relação entre tipo de fronteira gráfica, local em que essa fronteira ocorre dentro da palavra e classe gramatical da palavra hipersegmentada: o hífen é empregado não-convencionalmente para segmentar a última sílaba de forma verbal flexionada que é, em 92,45% dos dados, morfemas analisados como se fossem pronomes. Os 7,55% restantes compreendem quatro formas verbais hipersegmentadas, a saber: “chama-da”, “colocavam”, “esta-vamos” e “deixo-u”. Em todas essas hipersegmentações em que a sílaba final é hipersegmentada, o hífen ocorre entre tema e morfemas verbais. Ainda em 83,01% (44/53) das hipersegmentações, as formas verbais pertencem ao tempo pretérito imperfeito, sendo 47,16% (25/53) das formas flexionadas no modo subjuntivo e 35,85% (19/53) no modo indicativo.

Somam-se a essas tendências quanto aos usos não-convencionais do hífen em formas verbais os resultados de que essas hipersegmentações (i) ocorrem predominantemente (47,2%) no nono ano do EF,²⁸ e (ii) são produzidas majoritariamente (72,72%) por meninas. Esses dois

²⁷ Dentre esse conjunto de hipersegmentação, as formas verbais pertencem aos seguintes tempos verbais: pretérito imperfeito do indicativo (15/24), futuro do subjuntivo (7/24) e pretérito imperfeito do subjuntivo e presente do indicativo (uma ocorrência de cada).

²⁸ No que diz respeito à distribuição de dados em relação aos anos letivos, vale observar que, no nono ano, regras de usos de hífen fazem parte do conteúdo programático previsto pela Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008). Essa distribuição de dados traz indícios de que a incidência de hipersegmentação por hífen são motivadas, também, no processo de ensino/aprendizagem das convenções ortográficas do português. Investigar essa potencial relação escapa aos objetivos deste artigo, mas registra-se a questão que merece investigação futura.

resultados vão na direção oposta a características gerais, descritas por Tenani (2016), quanto à hipersegmentação no EF II: há queda de frequência de hipersegmentação em função do aumento dos anos letivos e há menor frequência de hipersegmentação entre meninas. A fim de investigar motivos para esses resultados de hipersegmentação por hífen, lançou-se mão da análise das produções escritas dos sujeitos ao longo do EF II. A seguir, é descrita a trajetória de uma menina²⁹ quanto aos usos não-convencionais do hífen em formas verbais que apresenta aumento de hipersegmentação no último ano do EF.

A aluna Camila empregou, em 11 dos 20 textos que escreveu, 71 formas verbais flexionadas na primeira pessoa do plural. Dentre essas formas, oito são grafadas não-convencionalmente, sendo todas flexionadas no pretérito imperfeito do indicativo.³⁰ Exemplo eloquente do tipo de correlação entre o uso não-convencional do hífen (tipo de recurso gráfico que delimita palavra), estrutura morfossintática (colocação enclítica ao verbo de pronomes átonos) e estrutura prosódica (direção à direita de prosodização de clíticos em relação ao hospedeiro na fala *versus* a colocação de clítico à esquerda do hospedeiro na escrita) é o texto na Figura 3, produzido por Camila no nono ano do EF.

²⁹ Os alunos serão identificados por nomes fictícios a fim de preservar suas identidades, conforme previsto pelas normas de ética em pesquisa estabelecidas pelo CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

³⁰ Das oito formas verbais grafadas não-convencionalmente, uma ocorreu no sétimo ano, uma no oitavo ano e seis no nono ano.

Figura 3 – Usos não-convencionais de hífen em formas verbais

Esta amizade minha e da Lidiane começou em 2009 quando estava-mos na 6ª série. A primeira vez que conversamos foi no segundo dia de aula, estudava-mos à tarde, conversamos na quadra, foi muito bom. E (daí) deste dia à diante começamos a nos falar mais, e também mantinha-mos contato pela internet. Era muito legal estudar com ela, agente brincava, cantava, dançava, e até acabava-mos indo para diretoria. E assim foi 2009 estudando juntas, fazendo trabalhos, provas, jogando futebol com os garotos. Quando sáimos de férias conversávamos as vezes pelo telefone e pelo MSN.

Aí veio 2010, estávamos na 7ª série, caímos na mesma turma, continuava-mos brincando muito, eu ia na casa dela fazer trabalho, comia-mos agente comia brigadeiro, assistia-mos filmes, demos muita, muita, muita risada e assim também foi mais um ano, passou tão rápido ao lado dela, é claro que eu tinha outros amigos e amigas, nunca briguei com ^{nenhum} (todos) deles, em três anos de amizade mas agora na 8ª série não caímos na mesma sala, infelizmente, mas ainda fazemos muita coisa juntas e assim vai durar muitos anos ainda “Eu te amo amiga”

Fonte: Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II (Z11_8B_18F_01)³¹

No texto da Figura 3, a aluna usou 36 formas verbais, sendo sete delas grafadas não-convencionalmente, a saber: “estava-mos, estudava-mos, mantinha-mos, acabava-mos, conversava-mos, continuava-mos, assistia-mos”. Essas hipersegmentações por hífen presente na fronteira do sufixo “-mos” (que também é a última sílaba átona do pé dátilo), ocorreram

³¹ Leitura possível: “Esta amizade minha e da Lidiane começou em 2009 quando estava-mos na 6ª série. A primeira vez que conversamos foi no segundo dia de aula, estudava-mos à tarde, conversamos na quadra, foi muito bom. E (daí) deste dia à diante começamos a nos falar mais e também mantinha-mos contato pela internet. Era muito legal estudar com ela. Agente brincava, cantava, dançava, e até acabava-mos indo para diretoria. E assim foi 2009 estudando juntas, fazendo trabalhos, provas, jogando futebol com os garotos. Quando saímos de férias conversávamos as vezes pelo telefone e pelo MSN. / Aí veio 2010, estávamos na 7ª série, caímos na mesma turma, continuava-mos brincando muito, eu ia na casa dela fazer trabalho (comia-mos) agente comia brigadeiro, assistia-mos filmes, demos muita, muita, muita risada e assim também foi mais um ano, passou tão rápido ao lado dela, é claro que eu tinha outros amigos e amigas, nunca briguei com (nenhum) nenhum deles, em três anos de amizade, mas agora na 8ª série não caímos na mesma sala, infelizmente, mas ainda fazemos muita coisa juntas e assim vai durar muitos anos ainda “Eu te amo amiga”.”

somente em formas verbais flexionadas no pretérito imperfeito do indicativo, na primeira pessoa do plural. Dentre as 15 formas flexionadas na primeira pessoa do plural, apenas uma forma flexionada no pretérito imperfeito do indicativo é gravada convencionalmente (“estávamos”); as demais formas grafadas convencionalmente pertencem ao pretérito perfeito do indicativo (“conversamos, começamos, caímos (1ª ocorrência), saímos”) e ao presente do indicativo (“caímos” (2ª ocorrência) e “fazemos”). Nessas grafias, o sufixo “-mos”, sílaba átona, constitui, com a sílaba tônica da forma verbal, pé troqueu dissílabo. Ainda vale destacar que são grafadas convencionalmente todas as quatro formas verbais flexionadas no pretérito imperfeito do indicativo na terceira pessoa singular (“brincava, cantava, dançava, comia”). Portanto, as grafias não-convencionais da Figura 3 são restritas às formas verbais no pretérito imperfeito do indicativo na primeira pessoa plural.

Essa descrição põe em evidência a convergência de dois fatores que favorecem a hipersegmentação de formas verbais: tanto característica morfológica, quanto característica métrica das formas flexionadas. Quanto à caracterização métrica, argumentou-se, em Tenani (2016), Silva e Tenani (2014), que a relação de proeminência entre as sílabas que leva à configuração de pés métricos no domínio da palavra se mostra como uma das características dos enunciados que proporciona hipersegmentações. As grafias não-convencionais atestadas na Figura 3 permitem constatar que também características morfológicas atuam favoravelmente à hipersegmentação por hífen na medida em que preferencialmente formas flexionadas no pretérito do imperfeito na primeira pessoa plural têm o sufixo “-mos” hipersegmentado. Vale destacar que formas de expressão gramatical de primeira pessoa plural é aspecto importante a ser observado nesta análise: Camila flutua entre a expressão de primeira pessoa plural por meio de “a gente” (grafado “agente”) – que leva o verbo a ser flexionado na terceira pessoa do singular – e expressão dessa mesma noção gramatical por meio de sufixo verbal “-mos” – que resulta em forma verbal menos frequente (quando comparada com as formas verbais flexionadas na terceira pessoa do singular) no conjunto de textos por ela mesma produzidos.

Há um terceiro fator que conspira para que essas formas verbais sejam hipersegmentadas: a colocação de pronomes em relação ao verbo. Estão em jogo as duas possibilidades de colocação pronominal (a saber: próclise ou ênclise verbal) às quais são associados modos de enunciação e práticas orais e letradas. Nas práticas orais/faladas, predominam usos de próclise verbal (como “nos mantinha”), enquanto nas práticas letradas/escritas, usos de ênclise verbal (como “mantinha-nos”). A projeção da estrutura verbo-

pronome se mostra nos registros não-convencionais de formas verbais identificados no texto da Figura 3, na medida em que há semelhanças fonológicas e morfológicas entre a forma verbal hipersegmentada (“mantinha-mos”) e a estrutura morfossintática projetada (“mantinha-nos”), pois: (i) o pronome “nos” e o sufixo “-mos” carregam informação gramatical de primeira pessoa plural e, quanto à materialidade fônica, ambas as sílabas são semelhantes entre si, diferindo apenas quanto ao ponto de articulação da consoante nasal; (ii) a porção hipersegmentada que compreende o tema verbal, como “mantinha”, tem a mesma cadeia segmental que a forma verbal flexionada no pretérito imperfeito do indicativo em terceira pessoa do singular, como “ele mantinha”. Essas semelhanças entre formas verbais somadas às convenções de uso do hífen corroboram a projeção da estrutura verbo-clítico (“mantinha-nos”) no registro de forma verbal flexionada no pretérito imperfeito do indicativo na primeira pessoa do plural (“mantínhamos”).

Essa descrição permite vislumbrar como estruturas morfossintáticas são, também, motivadoras de hipersegmentações de palavras no EF II, particularmente de hipersegmentação de formas verbais que mobilizam noções gramaticais de primeira pessoa plural e de pretérito imperfeito.

5. Considerações finais

Por meio desta análise em que as produções escritas dos alunos ao longo dos quatro anos do EF II são consideradas, este artigo apresenta avanços feitos por Tenani (2016) em relação aos estudos anteriormente realizados a partir de subconjuntos de dados extraídos da amostra longitudinal de manuscritos do EF II (PARANHOS, 2014; SILVA, 2014), pois demonstra de que modo as hipersegmentações por hífen se revelam motivadas pelas estruturas morfossintáticas que os alunos são chamados a empregar em seus textos escritos (como formas verbais flexionadas na primeira pessoa plural, emprego de ênclise verbal). Notadamente, são as meninas que, ao respondem positivamente ao solicitado, deixam rastros (mais visíveis ao analista) do processo no qual estão imersas.

De modo amplo, esses usos não-convencionais do hífen em formas verbais, bem como os registros não-convencionais de “demais” e marcados de “senão”, inicialmente analisados, são mais bem interpretados, sob um viés discursivo de práticas letradas, como resultados da soma das características linguísticas ora descritas ao imaginário social do escrevente sobre a escrita, construído pela sua inserção nos mais diversos usos (formais/informais) da linguagem

(CORRÊA, 2004). A tentativa de se aproximar do que seja o código escrito institucionalizado (CORRÊA, 2004) leva o aluno ao chamado erro ortográfico. É o trânsito do escrevente por práticas orais (como aquelas em que predominam formas verbais flexionadas na terceira pessoa do singular e colocação pronominal proclítica) e por práticas letradas (como aquelas que demandam emprego de formas verbais flexionadas no pretérito imperfeito e em primeira pessoa do plural e colocação pronominal enclítica ao verbo) que fica evidenciado nos registros não-convencionais do hífen, por exemplo.

Notadamente, esse trânsito se revelou marcado pelo sexo/gênero dos sujeitos, na medida em que predominantemente meninas grafam não-convencionalmente por hífen. Esse resultado qualitativo também pode ser interpretado como evidência de que meninas/mulheres são constituídas por práticas letradas/escritas de modo distinto dos meninos/homens, como argumentado por Tenani (2016), quando da discussão dos resultados quantitativos de frequência de hipo e hipersegmentação de palavras no EF II. Esses resultados quanti e qualitativos, da perspectiva que adotamos sobre escrita, são evidências de que não apenas há entrelaçamento entre práticas orais/faladas e letradas/escritas, mas que esse entrelaçamento é constituído pelos papéis sociais ocupados pelos sujeitos da linguagem, como argumentado por Tenani (2016).

Ainda se faz relevante observar que as hipersegmentações analisadas neste artigo (“de mais”, “se não” e formas verbais hipersegmentadas por hífen) podem ser interpretadas como registros verbo-visuais que revelam em que medida e de que maneira relações morfosintáticas e semânticas somadas a características prosódicas dos enunciados deixam aflorar características do processo de produção escrita dos escreventes analisados. Em última instância, constata-se que características prosódicas constitutivas dos enunciados pulsam nos registros escritos não-convencionais de palavra. Em outras palavras, demonstra-se, por meio da análise de hipersegmentações, como se dá a relação entre prosódia e escrita em textos do EF II.

Referências Bibliográficas

ABAURRE, M. B. M. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. A. (Org.). **A concepção da escrita pela criança**. Campinas: Pontes Editores, 1988, p. 135-142.

ABAURRE, M. B. M. et alii. Leitura e escrita na vida e na escola. **Leitura: Teoria & Prática**. Campinas, n. 6, p. 15-26, 1984.

ABAURRE, M. B. M. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. **Boletim da Abralín**, Campinas, v. 11, p. 203-17, 1991.

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. **Cenas de Aquisição da Escrita**: o trabalho do sujeito com o texto. Campinas: Mercado de Letras, 1997. 204 p.

ABAURRE, M. B. M.; SILVA, A. O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita. **Temas em psicologia**. São Paulo, v. 1, p. 89-102, 1993.

ANDRADE, C. D. **As palavras que ninguém diz**. Rio de Janeiro: Record, 1997. 126 p.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 37^a ed. 2001. 669 p.

BISOL, L. O acento e pé métrico binário. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 22, p. 69-80, jan./jun. 1992.

BISOL, L. O clítico e seu status prosódico. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 9, n.1, p.5-20, jan./jun. 2000. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.9.1.5-30>

BISOL, L. O clítico e o seu hospedeiro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 163-184, set. 2005.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quatro ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998, 106p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2014.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulista, 2007. 194 p.

CAPRISTANO, C. C. A propósito da escrita do EF I: uma reflexão sobre as segmentações não-convencionais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 39 n. 3, p. 245-260, set. 2004. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13918>. Acesso em: 08 jul. 2014.

CAPRISTANO, C. C. **Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita**. 2007. 253f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007a.

CAPRISTANO, C. C. **Aspectos de segmentação na escrita do EF I**. São Paulo: Martins Fontes. 2007b. 170 p.

CHACON, L. Hipersegmentações na escrita do EF I: entrelaçamento de práticas de oralidade e de letramento. **Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 34, p. 77-86, jul. 2005. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/Gpel/Artigos/2005_-_Chacon_-_Hipersegmentacoes.pdf. Acesso em: 08 jul. 2014.

CHACON, L. Prosódia e letramento em hipersegmentações: reflexões sobre a aquisição da noção de palavra. In: CORRÊA, M. L. G. (org.) **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas: Mercado de Letras, p.155-167, 2006.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes. 2004. 309 p.

FERNANDES, F. R. **Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia**, 2007. 452 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. CD-ROM, 2001.

LONGHIN, S.; TENANI, L.; Flutuação gráfica entre “senão” e “se não”: considerações sobre polissemia, constituição morfofossintática e prosódica. **Gragoatá**, Niterói, v.20, p.138-206, 2015. Disponível em: <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/337>. Acesso em 15 dez. 2016.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986. 327 p.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic phonology: with a new foreword**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter. 2007. 327p. <https://doi.org/10.1515/9783110977790>

PARANHOS, F. C. **Segmentações não-convencionais de palavra nos quatro últimos anos do ensino fundamental: um estudo longitudinal**. 2014. 169 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2014.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009. 157 p.

SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo**, São Paulo: Secretaria da Educação, 2008.

SEMINÁRIO MULTIDISCIPLINAR DE ALFABETIZAÇÃO (São Paulo, 11 a 13 de agosto de 1983). **Anais...** Brasília: INEP, 1984. 158p. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=27629. Acesso em: 10 de set. 2016.

SERRA, C. R. **Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura**. 2009. 241 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, L. M. **Um estudo longitudinal das hipersegmentações de palavras escritas nos anos finais do Ensino Fundamental**. 2014. 171 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, São José do Rio Preto, 2014.

SILVA, L. M.; TENANI, L. **Hipersegmentações de palavras no ensino fundamental**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

SIMIONI, T. O clítico e seu lugar na estrutura prosódica em Português Brasileiro. **ALFA**, n. 52, v. 2, p. 431-446, 2008. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1526/1233>. Acesso em: 12 abr. 2016.

SONCIN, G.; LONGHIN, S. R. A causalidade de “porque” em textos escolares: domínios de atuação, gêneros de produção. **Revista Linguagem & Ensino** (On-line), v. 17, p. 525-549, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/1093>. Acesso em: 17 dez. 2016.

TENANI, L. **Domínios prosódicos no Português do Brasil**: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. 2002. 331 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TENANI, L. A segmentação não-convencional de palavras em textos do ciclo II do ensino fundamental. **Revista da Associação Brasileira de Linguística**, v. 10, n. 2, p.91-119, 2011. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/abralin/article/viewFile/32061/20400>. Acesso em: 08 jul. 2014.

TENANI, L. Hipersegmentação de palavras: análise de aspectos prosódicos e discursivos. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 16, p. 305-324, 2013. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/884>. Acesso em: 08 jul. 2014.

TENANI, L. Banco de dados de escrita do Ensino Fundamental II. FAPESP/UNESP, 2015. Disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. Acesso em: 10 nov. 2015.

TENANI, L. **Prosódia e escrita**: uma análise a partir de (hiper)segmentações de palavra. 2016. 171 f. Tese (Livre-docência). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2016.

TENANI, L. Fonologia Prosódica. In: DA HORA, D.; MATZENAUER, C. L. (Orgs.) **Fonologia, Fonologias**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2017, p. 109-123.

TENANI, L.; LONGHIN-THOMAZI, S. Oficinas de leitura, interpretação e produção textual no ensino fundamental. **Em Extensão**. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, v. 13, n. 1, 2014.

TENANI, L.; OLIVEIRA-CODINHOTO, G. Hipersegmentações de “demais” no EF II. (Inédito).

TENANI, L.; FIEL, R. P. Hipersegmentação de palavras em textos do EF II: características prosódicas gerais. **Linguagem** (São Carlos), v. 26 (2): 2016. Disponível em: <http://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/issue/view/12>. Acesso em: 09 de set. 2016.

VELOSO, J. **Verba manent**: a palavra como unidade pertinente para a descrição linguística do português e de outras línguas flexionais. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. 160 p.

VIGÁRIO, M. O lugar do grupo clítico e da palavra prosódica composta na hierarquia prosódica: uma nova proposta. In: LOBO, M.; COUTINHO, M. A. (orgs). **Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos seleccionados**. Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2007, p. 673-688.

VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. P. **Introdução ao estudo do léxico**. Descrição e análise do Português. Petrópolis: Vozes, 2014. 247 p.

Artigo recebido em: 14.01.2017

Artigo aprovado em: 17.03.2017